

# 1

Os antílopes têm uma visão dez vezes melhor do que a nossa, disseste-me. Foi no início ou quase. O que significa que numa noite clara eles conseguem ver os anéis de Saturno.

Ainda passariam alguns meses até contarmos um ao outro todas as nossas histórias. E mesmo então, algumas pareciam demasiado insignificantes para que valesse a pena contá-las. Então, porque me vêm agora à mente? Agora, quando estou tão farta disso tudo.

As memórias são microscópicas. Ínfimas partículas que esvoaçam juntas e separadas. Edison chamava-lhes pessozinhas. Entidades. Ele tinha uma teoria sobre o sítio de onde tinham vindo, e esse sítio era o espaço sideral.

Da primeira vez que viajei sozinha, entrei num restaurante e pedi um bife. Mas quando chegou, vi que era apenas um naco de carne crua cortada em pedaços. Tentei comê-lo, mas tinha demasiado sangue. A minha garganta recusou-se a engolir. Por fim, cuspi-o para um guardanapo. Havia ainda muita carne no prato. Tive medo que o empregado notasse que eu não estava a comer e se risse ou berrasse comigo. Fiquei muito tempo ali

parada, a olhar para aquilo. Então peguei num pão, retirei-lhe o miolo e escondi a carne no interior. A minha carteira era muito pequena, mas penso que consegui enfiar o pão lá dentro sem ser vista. Paguei a conta e saí, receosa de que me mandassem parar, mas ninguém o fez.

Eu passava as tardes num jardim público, a fazer de conta que lia Horácio. Ao crepúsculo, as pessoas jorravam do metro para a rua. Em Paris, até as estações de metro têm de ser bonitas. *Quem atravessa o mar, apenas muda o céu por cima da sua cabeça, não a sua alma.*

Havia um rapaz canadiano que só comia papas de aveia. Um rapaz francês que pediu para me examinar os dentes. Um rapaz inglês que descendia duma linhagem de druidas. Um rapaz holandês que vendia aparelhos auditivos.

Conheci um australiano que me disse adorar viajar sozinho. Falou do seu emprego enquanto bebíamos em frente ao mar. Quando um aluno compreende de repente o que lhe estamos a explicar, e o seu rosto se ilumina, foda-se, é maravilhoso, disse-me ele. Eu fiz que sim, comovida, embora nunca tenha ensinado absolutamente nada a ninguém. Dás aulas de quê?, perguntei-lhe. De patinagem, explicou ele.

Esse foi o verão em que choveu o tempo todo. Lembro-me do cheiro a cão molhado da minha camisola, e de sentir os sapatos completamente encharcados. E em todas as cidades a mesma cena. Um rapaz a sair para o passeio e a abrir o guarda-chuva para abrigar uma rapariga no portal.

Outra noite. O meu velho apartamento em Brooklyn. Era tarde, mas eu, claro, não conseguia adormecer. Por cima de mim, janados das anfetaminas desmontavam alegremente qualquer

coisa. Folhas contra a janela. Senti um súbito arrepio e puxei o cobertor para cima da cabeça. É o que se faz quando se quer retirar um cavalo dum edifício em chamas, lembrei-me. Se não puderem ver, não entram em pânico. Tentei perceber se estava mais calma com um cobertor sobre a cabeça. Não, não estava, concluí.

Arranjei um trabalho como revisora de factos para uma revista científica. Factos curiosos, como eles lhes chamavam. *Se as fibras nervosas do cérebro fossem estendidas, dariam quarenta vezes a volta à Terra.* Que horror, escrevi na margem, mas eles incluíram-no à mesma.

Eu gostava do meu apartamento porque todas as janelas ficavam ao nível do passeio. No verão, podia ver os sapatos das pessoas, e no inverno, neve. Uma vez, estava eu deitada na cama quando um sol rubro e brilhante apareceu na janela. Balançou dum lado para o outro, depois transformou-se numa bola.

*A vida é igual a estrutura mais atividade.*

Estudos sugerem que a leitura exige imenso do sistema neurológico. Segundo uma revista de psiquiatria, as tribos africanas precisaram de mais horas de sono depois de aprenderem a ler. Os franceses acreditavam muito nesse tipo de teorias. Durante a Segunda Guerra Mundial, as rações maiores eram para os soldados empregues em duros trabalhos físicos e para aqueles cujas tarefas implicavam ler e escrever.

Durante anos, tive um *post-it* por cima da minha secretária. ABAIXO O AMOR, VIVA O TRABALHO, dizia. Parecia uma forma de felicidade mais robusta.

À porta duma livraria, num caixote, encontrei um livro intitulado *Prosperar em Vez de Sobreviver*. Fiquei ali de pé, a folheá-lo, pouco disposta a arriscar.

*Você acredita que a angústia em que se encontra é permanente, mas para a vasta maioria das pessoas essa angústia é um estado meramente temporário.*

(Mas, e se eu for especial? E se eu fizer parte da *minoría*?)

Eu tinha ideias a respeito de mim mesma. A maioria delas por testar. Quando era criança, gostava de escrever o meu nome em letras gigantes, feitas com paus.

O que disse Coleridge: *Se não me estou a iludir fortemente, penso que além de ter elucidado completamente as noções de espaço e tempo [...], estou em vias de conseguir algo mais, nomeadamente, desenvolver todos os cinco sentidos [...] e através deste desenvolvimento resolver o processo da vida e da consciência.*

O meu plano era nunca me casar. Em vez disso, ia ser um colosso da arte. As mulheres quase nunca se tornam colossos da arte porque os colossos da arte só se preocupam com a arte, nunca com coisas mundanas. Nabokov nem sequer fechava o seu próprio guarda-chuva. Era Vera quem lhe lambia os selos de correio.

Um plano audacioso, foi o que disse o meu amigo filósofo. Mas no meu vigésimo nono aniversário entreguei o meu livro. *Se não me estou a iludir fortemente...*